

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
3 e 23 de Junho de 2025
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ (parte V)

THE CASE OF THE CURIOUS BRIDE / 1935

Um filme de Michael Curtiz

Argumento: Tom Reed, a partir do romance epónimo (1934), de Erle Stanley Gardner; / *Diretor de fotografia* (35 mm, preto & branco): David Abel / *Cenários:* Carl Weyl / *Figurinos:* Orry Kelly / *Música:* Bernard Kaun / *Montagem:* Terry Morse / *Som:* Dolph Thomas / *Interpretação:* Warren William (*Perry Mason*), Margaret Lindsay (*Rhoda Montaine*), Donald Woods (*Carl Montaine*), Claire Dodd (*Della Street*), Allen Jenkins (*Spudsy Drake*), Philipp Reed (*Dr. Milbeck*), Barbon MacLane (*Detetive Lucas*), Erroll Flynn (*o cadáver de Moxsley*) e outros.

Produção: First National Pictures / *Cópia:* da Biblioteca do Congresso (Washington), 35 mm, versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 79 minutos / *Estreia mundial:* Nova Iorque, 3 de Abril de 1935 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

The Case of the Curious Bride é um filme um tanto híbrido e também é a primeira transposição para o cinema de um romance protagonizado pelo advogado criminalista Perry Mason, criado dois anos por Earl Stanley Gardner. O êxito do primeiro romance protagonizado por Mason foi tal que a Warner Bros adaptou nada menos de seis adaptações das suas aventuras nos anos 30, do qual o filme desta sessão é o terceiro. Curtiz assinou um desses filmes, **The Case of the Curious Bride** e Warren William foi o primeiro ator a encarnar o célebre personagem, nos primeiros quatro filmes da “série”. O êxito do personagem foi tamanho, com centenas de milhares de exemplares de livros das suas aventuras vendidos, que nada menos de oitenta e dois filmes, realizados entre 1933 e 1969, trouxeram Mason para o grande ecrã. Maior êxito ainda teve uma série de televisão que existiu entre 1957 e 1966, protagonizada por Raymond Burr e apresentada em vários países.

Embora as ações de Perry Mason sejam talvez mais próximas das de um detetive privado do que das de um advogado criminalista, esta é a sua profissão. Ele sempre se ocupa de casos perdidos, o que o leva a concorrer com a polícia para a elucidação dos mesmos. Uma peculiaridade do seu trabalho é que nunca o vemos em tribunal (o que é altamente benéfico no caso do cinema, livrando-nos de um enésimo *courtroom drama* à Hollywood), sempre na etapa do inquérito, o que o aproxima da figura de um detetive particular e suscita sequências de estilo policial ou criminal, muito mais interessantes num livro ou num filme do que a encenação da justiça num tribunal. No início do filme de Curtiz, o espectador que nada souber de Perry Mason pode inclusive pensar que está diante de uma *screwball comedy* repleta de mal-entendidos e provisórias trocas de identidade (o próprio Curtiz já realizara um filme, de teor cómico., sobre o tema do marido morto que regressa, **The Matrimonial Bed**, de 1930) mas não tarda a perceber que a trama é de índole policial/criminal. No entanto, perdura ao longo do filme um fundo algo cómico ou mais exatamente irónico, como se o protagonista não levasse aquilo tudo demasiado a sério, devido ao ar *nonchalant* e *débonnaire* do personagem, advindo da escolha do ator principal (o primeiro a ter sido convidado foi Edward G. Robinson, que recusou). O protagonista do filme, o hoje esquecido (exceto pelos cinéfilos de ponta) Warren William, que encarnou Perry Mason nos quatro primeiros filmes baseados nas aventuras do advogado/detetive, foi muito popular nos anos 30 e 40 e, embora

americano de nascimento, especializou-se em ares de inglês com ares aristocráticos e um cinismo elegante (é capaz de dar um murro na cara de alguém sem perder a pose, nem se despentear), que ocultam o que a sua personalidade pode ter de desonesto. Foi neste tipo de papéis que um Georges Sanders se especializaria, o que talvez tenha contribuído para o esquecimento que acabou por atingir Warren William, embora este tenha representado muitos papéis principais, o que nunca foi o caso de Sanders que, no entanto, nunca foi esquecido pelos espectadores. No que refere os atores há ainda uma curiosa particularidade em **The Case of the Curious Bride**. O filme marca a primeira presença de Erroll Flynn num filme americano. Jack Warner, que o fizera vir de Londres, achou que este filme seria o veículo ideal para que ele fizesse a sua estreia no cinema americano. Curtiz não queria Flynn no filme, mas Jack Warner mandou instruções escritas inequívocas neste sentido ao diretor de produção: *“Não gosto que pessoas como Curtiz se oponham às nossas ordens. Garanta a presença de Flynn no filme”*. Curtiz deu-lhe então o “papel” de um cadáver na morgue, durante alguns segundos. Ao que parece, Flynn aceitou a situação com humor e mais tarde gracejaria que *“há quem diga que este foi o meu melhor desempenho no cinema”*. Mas Jack Warner apreciou moderadamente o gracejo e obrigou Curtiz a filmar um *flashback* em que o personagem aparece. Até 1941 Errol Flynn faria outros nove filmes com Curtiz, que fizeram dele uma vedeta perene.

The Case of the Curious Bride é um filme sobre o qual pouco se escreveu, o que se deve, pelo menos em parte, à abundância da produção de Curtiz, que dificulta não apenas uma visão de conjunto do seu cinema, mas também e sobretudo de pormenor, embora o filme tenha os seus defensores. Nos brevíssimos resumos críticos publicados em *Photoplay* no número de Julho de 1935 o filme é apresentado com as seguintes palavras irónicas: *“Warren William é um advogado e detetive amador que adora – vejam só! – cozinhar. Margaret Lindsay é a noiva cuja curiosidade desperta quando um marido que ela pensava estar devidamente sepultado, reaparece depois de ela se ter casado com outro homem. Tudo é tratado da maneira que o público de cinema aprecia”*. O contexto narrativo é um pouco mais complexo do que isso, pois, como o espectador não tardará a saber, o reaparecido marido não tardará a ser morto, o que fará da mulher a principal suspeita. Mas o tom da nota explica-se facilmente pelo ar desenvolto e quase mundano do protagonista – uma óbvia opção do argumentista e do realizador – que trata assuntos sérios quase num tom de conversa mundana e comete pequenas extravagâncias, tais como ir ver um cadáver na morgue com uma chávena de café na mão, o que faz parte do jogo do *british* de cinema, sempre à vontade, de cabeça fria e não alterando os seus pequenos hábitos nem que haja um terramoto. Numa comédia, esta atitude acentua evidentemente os efeitos cómicos, num filme policial/criminal destoa um pouco, levando o espectador a concentrar-se menos na solução do enigma do que naquilo que lhe é periférico. Por outro lado, este tom despreocupado do protagonista é uma marca da sua identidade no filme, embora este não seja o caso nos livros, mas como é sabido Hollywood costuma transfigurar os livros que adapta. O resultado tem originalidade, embora o filme não saia das normas: a narrativa criminal (quem cometeu o crime ou, melhor dizendo, quem não o cometeu?) progride, mas sempre que o protagonista surge instala-se um tom irónico pouco habitual num género marcado pela tensão, a dúvida e a violência física. A única exceção é no desenlace, quando o detetive tem uma súbita vitória e ficamos a saber em poucos segundos como se passou a morte do (ex) marido da protagonista.

Antonio Rodrigues